


Clube 13 de Maio e a população negra em Jataí: interfaces entre exposição, memória e museu

13 de Maio Club and the black population in Jataí: interfaces between exhibition, memory and museum

Michael Douglas dos Santos*
michael.mest.ufg@gmail.com

 <https://orcid.org/0009-0004-0934-3680>

RESUMO: O Museu Histórico de Jataí - Francisco Honório de Campos (MHJ), fundado em 1994, tem contribuído para a construção de identidades, memórias e histórias que remontam o passado jataiense. Quanto às produções realizadas, consideramos haver um número relevante de exposições, cuja finalidade é narrar a História Local. Por conseguinte, a proposta deste artigo consiste em analisar a exposição “Clube 13 de Maio e os Negros e Negras na história de Jataí (2019)” e investigar as memórias, os silenciamentos, as experiências, os estereótipos e as contribuições de sujeitos negros(as) construídas na mesma. A partir do recorte realizado, podemos então situar a importância do Clube 13 de Maio para cidade e, também, da população negra local, tendo sua memória (re)construída em forma de exposição museológica. Além desses fatores, os museus empenham um papel voltado à preservação de memórias, demonstrando-se uma instituição apta a executar o papel do Estado como agente na garantia de preservação de memórias. Contudo, as narrativas contidas nestes espaços parecem privilegiar a população branca, “pioneira” e elitizada. Desse modo, entende-se que a preservação de determinadas memórias é resultado de ações políticas, que visam definir o que lembrar e o que esquecer (CUNHA, 2017, p.80). Ou seja, é preciso que os lugares de memória (NORA, 1993) reflitam acerca da produção e valorização das experiências e trajetórias positivas do viver negro para além das noções de subjugação, inferioridade e redução das experiências de vida da população negra no contexto da escravidão.

PALAVRAS-CHAVE: Memória, Museu, Exposição.

ABSTRACT: The Historical Museum of Jataí - Francisco Honório de Campos (MHJ), founded in 1994, has contributed to the construction of identities, memories and stories that go back to Jataí's past. Among the productions carried out, we consider that there is a relevant number of exhibitions whose purpose is to narrate the Local History. Therefore, the purpose of this article is to analyze the exhibition “Clube 13 de Maio e os Negros e Negras na História de Jataí (2019)”, and thus, to investigate the memories, silences, experiences, stereotypes and contributions of black subjects constructed in the exhibition. From the cut made, we can, then, place the importance of Clube 13 de Maio for the city and also for the local black population, having its memory (re)constructed in the form of a museum exhibition. In addition to these factors, museums play a role aimed at preserving memories, becoming an institution capable of performing the role of the State as an agent in guaranteeing the preservation of memories. However, the narratives constructed in these spaces seem to privilege the white, “pioneer” and elite population. Thus,

* Mestrado em História pela Universidade Federal de Goiás.

it is understood that the preservation of certain memories is the result of political actions, whose purpose is to define what to remember and what to forget (CUNHA, 2017, p.80). That is, it is necessary that the places of memory (NORA, 1993) reflect on the production and appreciation of the experiences and positive trajectories of black living beyond the notions of subjugation, inferiority or reduction of the life experiences of the black population to the context of slavery.

KEYWORDS: Memory, Museum, Exhibition.

Introdução

O Museu Histórico de Jataí (MHJ) foi fundado em 1994. Desde a sua inauguração em 14 de Maio, bem como nos últimos anos, vem se inserindo como um espaço importante para a construção de narrativas sobre a história Local e Regional, sobremaneira no que diz respeito a cidade de Jataí. Ademais, através do seu acervo museológico com diferentes tipologias¹, composto por documentos, jornais, objetos de uso pessoal, fotografias históricas, passam a configurar-se como fontes para desenvolver pesquisas sobre a região. Portanto, é pensando na relação entre história, museu e exposição que este artigo se conduzirá.

No interior dos museus, as exposições promovem o encontro entre o sujeito (visitante) e os objetos (conjunto expositivo), ou melhor: entre a sociedade e o seu patrimônio. Uma exposição se baseia na escolha e na apresentação de objetos que possam sustentar uma narrativa sobre determinado assunto. Nesse sentido, as seleções e definições organizadas pelos curadores da exposição também apontam as ideias e imagens desejadas, estabelecendo sentido e diálogo com o público (IBRAM, 2017, p. 8). Além disso, de acordo com Marília Xavier Cury (2005) a exposição seria o local de encontro sobre o que o museu deseja demonstrar, deste modo, as exposições são concebidas com vistas à experiência do público:

Conceber e montar uma exposição sob o viés da experiência do público significa escolher um tema de relevância científica e social e organizá-lo material e visualmente no espaço físico com o objetivo de estabelecer uma relação dialética entre o conhecimento que o público já tem sobre o tema em pauta e o novo conhecimento que a exposição está propondo (CURY, 2005, p. 43).

Ainda de acordo com Cury (2005), a montagem de uma exposição implica em construir e oferecer uma experiência de qualidade para o público, conectada às experiências do passado, influenciando proficuamente as experiências do futuro. Outrossim, a construção da experiência deve levar em consideração diversos recursos, a exemplo dos objetos museológicos, exercício que expressa o caráter do museu enquanto instituição e proposta.

¹ Tipologia é uma classificação que auxilia na documentação e no tratamento de um objeto durante seu processo de musealização.

Diante disso, a relação entre o homem e a realidade se processa no confronto do público com o patrimônio cultural:

Então, o que uma exposição revela? Primeiramente, uma exposição define publicamente o lugar social da instituição por meio de elementos como seu acervo, sua política, a gestão, a equipe, a localização, o prédio, o entorno, orçamento. Segundo, uma exposição dá corpo ao museu porque evidencia a “ciência” que está naquela reunião de objetos expostos, ou melhor, evidencia o “saber fazer” próprio dos museus, e os sujeitos do processo museal (CURY, 2008, p. 77).

É comumente difundida a noção de que a exposição é um discurso, ou, mais precisamente, um “texto”. Seja como for, a exposição na linha aqui desenvolvida, pressupõe a articulação de enunciados sobre certos problemas humanos, desenvolvidos com o suporte das coisas materiais. Embora a museologia e a expografia tenham especificidades próprias, constituídas em áreas específicas do conhecimento, a história tem seu lugar assegurado nos museus históricos. Nesta direção, é importante evidenciar que há domínios históricos, ligados a cultura material, que a história não poderia desenvolver, ou faria de forma precária, sem a contribuição do museu:

O museu histórico coleta, preserva, estuda e comunica documentos históricos. A exposição verdadeiramente histórica é aquela em que a comunicação dos documentos, por sua seleção e agenciamento, permite encaminhar inferências sobre o passado - ou melhor, sobre a dinâmica - da sociedade, sob aspectos delimitados, que conviria bem definir, a partir de problemas históricos. Inferências são abstrações, que não emanam da materialidade dos objetos, mas dos argumentos dos historiadores, referindo-se a propriedades materiais "indiciárias" desses objetos e a informações sobre suas trajetórias. (MENESES, 1994, p. 39).

Priosti e Varine (2006) afirmam que “os Museus podem ser entendidos como criações autênticas de suas comunidades, no seu trabalho de construção e sustentação de sua memória social” (PRIOSTI & VARINE, 2006, p. 56). Assim sendo, compreende-se que estas instituições museais estão sempre a construir memórias e narrativas a partir de objetos retirados de seu espaço e tempo, através de um processo de reconstrução, interpelando passado e presente. Como afirma Myrian Sepúlveda Santos (2002), “os objetos presentes nos museus são resultados de uma multiplicidade de construções sociais e representações coletivas” (SANTOS, 2002, p. 100).

Ainda no tocante aos museus, Cury (2008) aponta que o mesmo se constrói a partir de dois pontos: o objeto (preservação) e o público (comunicação), ou seja, o museu preserva para comunicar e comunica para preservar. Nesse sentido, os museus inserem objetos de uma cultura que é constantemente reinventada e que adquire novos significados a cada exposição. Ao

selecionar os objetos considerados de relevância cultural, os objetos-símbolos de diferentes tradições culturais serão “reconstruídos” narrativamente a partir de fragmentos (KERSTEN; BONIN, 2007).

Logo, os museus também se configuram como um espaço de construção de identidades e memórias, tendo dentre seus intentos: “legitimar um imaginário junto ao público que, quando cumpre sua função, não consegue modificar este imaginário com facilidade” (SANTOS, 2006, p. 56). Nota-se que muitos espaços museológicos, sobretudo os museus históricos, tendem a reproduzir uma narrativa que privilegia uma determinada cultura — usualmente dominante e colonial — destacando os feitos de uma elite local e branca. Além desse fator, os museus são instituições voltadas à preservação de memórias a quem pode competir a execução do papel do Estado, como agente na garantia de preservação de determinadas memórias.

Para além disso, na história dos museus o papel das exposições é fundamental para percebermos as mudanças nas formas de ver, interpretar e representar os objetos em uma determinada narrativa expográfica. Em razão disso, quando observamos a representação da população negra nesses espaços, percebemos uma tendência de homogeneidade ou, até mesmo, uma deturpação de suas histórias. De acordo com Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha (2017), em seu artigo “Museus, Memórias e Culturas Afro-Brasileiras”, as:

Memórias afro-brasileiras, [...] foram manipuladas, deturpadas e minimamente preservadas em museus, por conta de um ideal de branqueamento nacional, que, aliado a um imaginário civilizatório marcado por perspectiva eurocêntrica, produziu imagens sobre a presença do negro na sociedade brasileira marcadas por preconceitos e abordagens reducionistas sobre culturas africanas, suas diásporas para o Brasil e sua participação no desenvolvimento local, ao longo dos séculos até a atualidade (CUNHA, 2017, p. 78).

As representações do povo negro dentro destes espaços e na preservação/divulgação da cultura negra denotam certo silenciamento. Ou seja, as narrativas produzidas parecem privilegiar uma população branca, “pioneira” e elitizada. Assim, entende-se que a preservação de determinadas memórias é resultado de ações políticas, que tem por finalidade definir o que lembrar e o que esquecer.

[...] é necessária a reflexão sobre o que se esconde e se revela no patrimônio preservado, considerando que os referenciais implícitos e explícitos nas materialidades e imaterialidades são múltiplos e complexos, e que preservar é sempre uma ação política, com consequências que ultrapassam o ato de preservar em si. Neste sentido, paradoxalmente, a preservação é ao mesmo tempo necessidade e risco. Necessidade, pois precisamos evidenciar nossa trajetória histórica, e por isso mesmo é também um risco, já que nas escolhas

sobre o que preservar, existe muito mais exclusão do que inclusão. Isto se agrava pela ação de quem detém o poder político de escolher o que vai ser preservado, pois esse processo pode levar a visões e ações hegemônicas sobre a memória e sua preservação patrimonializada (CUNHA, 2017, p. 80).

Pelo exposto, e considerando que as construções sociais e representações coletivas suscitadas na execução das exposições museológicas, que também refletem as heranças e memórias de um povo, atentemo-nos para a necessidade de analisar a história da população negra jataiense nos espaços de memória da cidade. Então poderemos questionar como as narrativas em torno da população negra local têm sido forjadas e sob que aspectos essas memórias são evidenciadas ou silenciadas nesses espaços.

A busca de determinados grupos sociais por reconhecimento nos espaços museais tem aumentado gradativamente, forçando o reconhecimento e divulgação de memórias e histórias alternativas a de uma elite, evidenciando a necessidade destas instituições se adaptarem aos novos tempos e às novas demandas da sociedade, abrindo espaço para a visibilidade do “outro”, quer sejam os negros, os indígenas ou outros inúmeros agentes silenciados e marginalizados em virtude dos determinantes sociais. Para tanto, os museus colocam-se como “arenas privilegiadas que apresentam imagens de nós mesmos e dos outros. Assim, as exposições museológicas podem constituir-se em desafios para pensar os contrastes entre o que se sabe e o que é preciso aprender sobre o outro” (KERSTEN; BONIN, 2007, p. 124).

Os espaços museológicos, especialmente os históricos, trazem em suas exposições elementos que forjam ou afirmam determinadas identidades, pois uma das formas pela qual as identidades estabelecem suas reivindicações é por meio do apelo a antecedentes históricos. De acordo com Kathryn Woodward (2009), “as identidades adquirem sentido por meio de uma linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais são representadas” (WOODWARD 2009, p. 8). Sendo assim, as instituições museais podem ser classificadas como um sistema simbólico, visto que elas apresentam à sociedade elementos de sua cultura e costumes através das exposições.

Analisar uma exposição pode ser um exercício interessante para refletir acerca dos processos de diferenciação construídos sobre o “outro” e também na elaboração de determinadas memórias sobre a sua população. De acordo com Marília Xavier Cury, a exposição é a forma mais específica de comunicação museológica, dado que, por meio dela, o público tem acesso aos bens artísticos e culturais, o contato com “a poesia das coisas” (CURY, 2005). Neste sentido, nos aproximamos do conceito de memória para analisar a exposição “O

Clube 13 de Maio e os Negros e Negras na história de Jataí (2019)”² e a partir de então verificar quais narrativas e memórias estão sendo retratadas, se há ausências ou até mesmo uma homogeneização da população negra jataiense.

É pertinente ressaltar que as primeiras exposições do MHJ, sobretudo aquelas que objetivam contar as histórias de Jataí, quase sempre, partiram de narrativas presentes nas obras memorialistas³ e documentais da região, ditas como tradicionais ou oficiais, justamente por remeterem aos aspectos políticos, destacando apenas alguns personagens: homens, brancos e proprietários de terras. Então, o MHJ se inscreve como um lugar de memória significativo para a região, que nos últimos anos têm realizado ações e exposições de cunho mais inclusivo e diversificado, destacando sujeitos normalmente marginalizados nas narrativas tradicionais. Aliás, as exposições possuem uma aura especial, à medida que sensibilizam e entretêm, são capazes de questionar, problematizar e inquietar o visitante, pois:

As exposições são ambientes capazes de democratizar o acesso à cultura material e à informação científica proporcionando momentos de reflexão, aprendizado e entretenimento. Desse modo, necessitam ser elaboradas de forma responsável atentando aos diferentes aspectos que envolvem sua forma e seu conteúdo garantindo assim uma experiência única ao público. Os profissionais dedicados ao planejamento de exposições estão em constante busca pelo aprimoramento de suas práticas visando contemplar tanto as estratégias de comunicação quanto os cuidados que envolvem os procedimentos de salvaguarda e preservação da cultura material (AQUINO; VARGAS, 2020, p. 21).

1. *O surgimento do clube 13 de maio em Jataí - GO (1888 a 1971)*

Em 2019, o MHJ, em colaboração com a Associação de Amigos do Museu Histórico de Jataí (AAMuHJ), tornou público a abertura de um edital, que tinha por finalidade contratar bolsistas para atuarem no projeto de pesquisa intitulado “A memória Afro de Jataí”. O intuito do projeto era fomentar o desenvolvimento de pesquisas e discussões sobre as memórias e histórias da população negra de Jataí, ampliando o conhecimento histórico e antropológico sobre a mesma, de forma que o levantamento/produção de fontes resultantes desse esforço poderiam ser úteis em exposições futuras no museu. Os bolsistas selecionados foram supervisionados pelo professor e pesquisador Adailton da Silva, vinculado ao MHJ.

² A exposição “O Clube 13 de Maio e os Negros e Negras na história de Jataí” é de caráter temporário, porém podemos enquadrá-la como uma possível exposição permanente, pois, até o momento (2023) está exposta no MHJ.

³ Podemos tomar como exemplo a obra *Pioneiros (1954)* de Basileu Toledo França, que ressalta o papel da elite jataiense e coloca à margem a população negra e indígena.

Um dos desdobramentos desta pesquisa, foi a realização da exposição “O Clube 13 de Maio e os Negros e Negras na História de Jataí” inaugurada em 2019, com a curadoria e supervisão do prof. Adailton e também da equipe do MHJ. Esta exposição, por sua vez, foi elaborada através de uma consulta/análise dos documentos, fotografias e jornais⁴ acerca do Clube 13 de Maio, também conhecido como “O Clube dos Pretos”.

De acordo com as pesquisas, o clube passou por três períodos: o primeiro momento 1888-1955, que prepara a chegada do clube; o segundo momento entre 1956-1971, que foi o auge do clube, se tornando um espaço de sociabilidade da população negra jataiense; e o terceiro momento de 1972-2012, em que o clube foi ao declínio. No entanto, o foco estará concentrado nos primeiros anos do clube, entre 1888 a 1955, salientando sua importância como um espaço de sociabilidade da população negra jataiense. Quanto a isso, é interessante apreciar o que dizem Lucas Rodrigues do Carmo e Murilo Borges Silva sobre o primeiro censo realizado em Jataí em 1872:

Uma primeira forma de comprovação em relação à presença de escravizados na Paróquia do Divino Espírito Santo do Jatahy foi por meio da análise do primeiro censo demográfico brasileiro. O Recenseamento do Brasil foi realizado no ano de 1872, e aponta dados referentes a “raças”, sexo, estado civil, religião, nacionalidade, instrução, idade e profissões dos habitantes de diversas regiões do país. A referida Paróquia possuía um total de um mil e oitocentos e quinze (1815) habitantes. Deste número, um mil e quinhentos (1500), ou 82,6%, eram homens (820) e mulheres (680) que compunham a população livre, ao passo que trezentos e quinze (315) compunham a parcela de homens (168) e mulheres (147) escravizadas, o que representa um percentual de 17,4% da população do Distrito do Divino Espírito Santo do Jatahy, uma região predominantemente agropastoril e com um mercado de subsistência. (CARMO; SILVA, 2020, p. 188).

Em suas pesquisas sobre a escravidão em Jataí, Carmo e Silva (2020) mencionam haver uma grande parcela da população negra ocupando a região, seja na condição de homens e mulheres livres ou de escravizados. É necessário pontuar que mesmo após a abolição da escravidão, alguns ex-cativos continuaram na condição de agregados na residência de seus ex-escravizadores, pois, o Estado não ofereceu suporte para que pudessem se inserir em outros espaços da sociabilidade, mesmo após a Lei Áurea. Com isso, a proposta deste texto é destacar

⁴ O acervo (documentos, fotografias, Atas das reuniões e jornais) que contém as memórias sobre o clube 13 de Maio foi doado por Mário Pretinho, sobrinho neto de Francisco Rezende de Moraes.

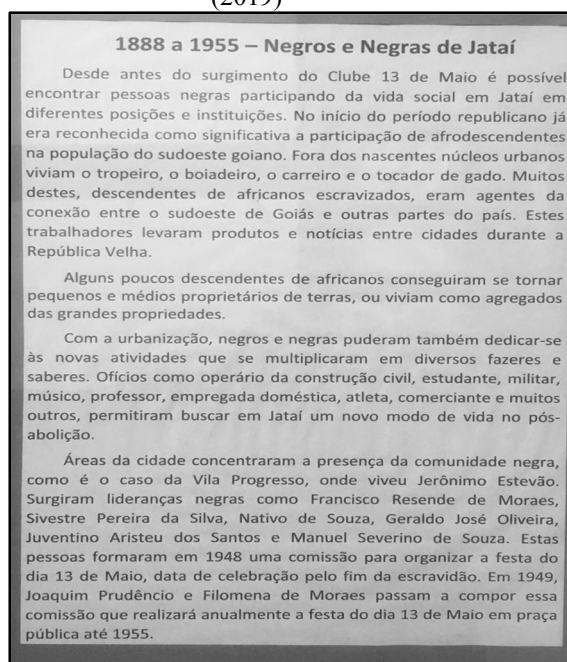
como a população negra jataiense se organizou para reivindicar um espaço cultural e social em Jataí, a exemplo da abertura do Clube 13 de Maio⁵.

A princípio, a exposição “O Clube 13 de Maio e os Negros e Negras na História de Jataí” (2019) tem o sentido de remorar a história em torno do clube e das pessoas que o frequentavam. No texto de apoio da exposição (figura 1), com o título de “1888 a 1955 - Negros e Negras de Jataí” fica evidente a participação ativa de afrodescendentes no sudoeste goiano. O tropeiro, o boiadeiro, o carreiro, respectivamente, descendentes de africanos, atuavam como meio de conexão entre o sudoeste goiano e as outras cidades. O texto também (figura 1) revela que com a urbanização, a população negra passou a integrar outras atividades e outros saberes e ofícios, como o de atleta, músico, comerciante, professor, dentre outros.

O bairro Vila Progresso (figura 1) é sobrelevado na exposição como um lugar de numerosa presença da população negra, de onde emergem lideranças negras como Francisco Resende de Moraes, Nativo de Souza, Jerônimo Estevão, Silvestre Pereira da Silva, Manuel Severino de Souza e Juventino Aristeu dos Santos. Esses respectivos sujeitos em 1948 se organizam com a intenção de realizar a festa do 13 de Maio, em celebração ao fim de escravidão. Em 1949, Joaquim Prudêncio e Filomena de Moraes passam a integrar a comissão organizadora, realizando a festividade que acontecia anualmente em praça pública até 1955. Petrônio Domingues (2011) aponta ser comum à época a população negra sair às ruas para comemorar o 13 de Maio, seja por meio de romarias, missas, discursos solenes, teatro, dança ou música.

⁵ É importante evidenciar que houveram outros Clubes 13 de Maio, não apenas em Jataí mas em outras regiões do Brasil (Sul e Sudeste). O Artigo de Petrônio Domingues “Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos” (2007), dimensiona outros clubes que surgiram no mesmo período em São Paulo e Rio de Janeiro.

Figura 1 - texto de apoio - Exposição “O Clube 13 de Maio e os Negros e Negras na História de Jataí” (2019)



(Fonte: Acervo do Museu Histórico de Jataí Francisco Honório de Campos)

Petrônio Domingues (2011) ao se referir aos clubes, grêmios e associações, cunha o conceito de associativismo, forjado ao analisar as lideranças em torno desses clubes, o autor considera que esses espaços associativos são também de resistência e de um fazer político. O Clube 13 de Maio em Jataí, surgiu como uma forma de celebração da cultura negra e também como uma reivindicação de um espaço de sociabilidade negra em Jataí, quando passaram a realizar os bailes em praça pública. Este primeiro momento entre 1888 a 1955 foi importante na efetivação das lideranças, que se organizaram para criar um espaço voltado à cultura negra local, sugerindo um associativismo negro jataiense.

O ano de 1956 marca a aprovação do estatuto que funda o clube, presidido por Francisco Resende de Moraes. Em 1957 o clube funcionava em uma casa alugada, neste mesmo ano recebeu doações da prefeitura para a construção de sua sede, que foi edificada através da mão de obra das lideranças negras em torno do clube. Entre os anos de 1956 a 1971 foram realizadas várias atividades envolvendo a comunidade negra local, além da construção do clube que iniciou antes de 1958 e teve a sede inaugurada em 1961.

Em 30 de abril de 1971, através de uma lei municipal, ocorreu a desapropriação do terreno para a construção da sede do governo local, sendo assim a prefeitura ordenou a demolição da instalação levantada para o funcionamento do Clube 13 de Maio. A demolição ocorreu condicionada a oferta de um novo espaço para a construção de uma outra instalação do

clube. Entretanto, é preciso pontuar que a ação da prefeitura acerca da oferta de um novo terreno para o clube, foi devido às articulações/negociações das lideranças negras com a política e poder local. Segue a fotografia da primeira sede do Clube 13 de Maio em Jataí, presente na exposição (figura 2).

Figura 2 - Exposição “O Clube 13 de Maio e os Negros e Negras na História de Jataí” (2019)



(Fonte: Acervo do Museu Histórico de Jataí Francisco Honório de Campos)

A exposição sobre o Clube 13 de maio além de demonstrar a existência de um espaço de sociabilidade para a população negra jataiense, possibilitou a exposição de trajetórias de sujeitos negros e negras importantes na história social e cultural da cidade. Assim, a exposição em seu primeiro ato exhibe a ocupação e presença da população negra em Jataí, bem como a organização e articulação para legitimar um espaço de cultura negra na cidade.

De acordo com Petrônio Domingues, o surgimento dos clubes negros foi em decorrência do racismo à brasileira da época (República) e das ações segregacionistas, como a proibição de negros em bailes e em outros espaços de sociabilidade (DOMINGUES, 2007; 2011; 2014). Para reverter esse quadro de marginalização no alvorecer da República, “os libertos, ex-escravos e seus descendentes instituíram os movimentos de mobilização racial negra no Brasil, criando inicialmente dezenas de grupos (grêmios, clubes ou associações) em alguns estados da nação” (DOMINGUES, 2007).

2. *A “fase final” do clube 13 de maio (1972 a 2012) - a exposição e as memórias negras construídas*

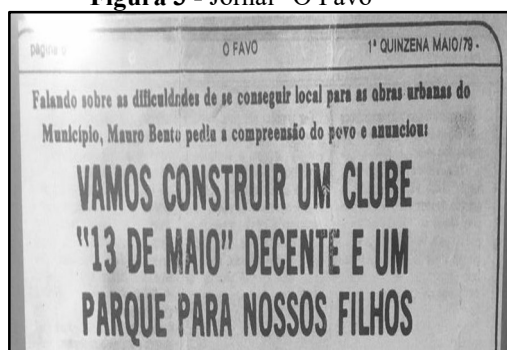
O clube 13 de Maio teve seu auge a partir de 1979, mas antes de expormos as memórias de sujeitos negros e negras construídas na exposição, é preciso também demarcar o percurso do clube entre o seu auge de popularidade e o seu declínio em 2012. Em 1972 o clube já não tinha mais sede e nem diretoria, sendo construída uma nova a partir de 1973 em área doada pela prefeitura, porém a sua instalação foi novamente desapropriada para a construção da vila

militar. Como não havia uma escritura em nome do clube, a indenização foi repassada à prefeitura.

Em 1976, no cenário político de Jataí foi eleito o candidato Lindomar Resende, representante oriundo da comunidade negra local, liderança projetada através do clube 13 de maio, o mesmo tomou posse em 1977, porém com um mandato conturbado deixou seu cargo em 1979. É importante frisar que a despeito de sua curta participação, o mandato foi importante para celebrar a inserção de sujeitos negros no cenário político local. Retomaremos as discussões em torno de Lindomar Resende no final do tópico.

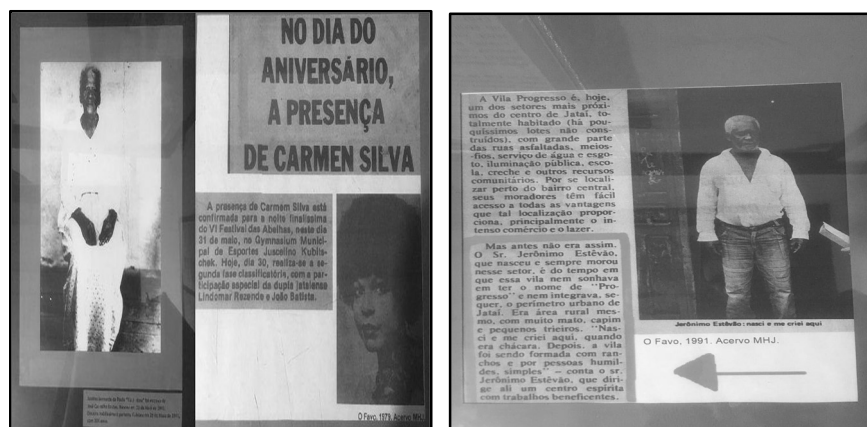
No que diz respeito às atividades realizadas no clube e lideranças negras que surgiram em torno do mesmo, apontaremos agora o auge das festividades organizadas no clube e que foi retratado na exposição exposta no MHJ. Com a retomada do clube podemos notar a participação de artistas negros nas festividades, sendo noticiada em jornal de veiculação local, como o jornal O Favo. É apresentado na exposição um trecho do jornal O Favo, da 1ª quinzena de maio de 1979, com a notícia da construção de um clube, e um parque para as crianças da cidade (figura 3).

Figura 3 - Jornal “O Favo”



(Fonte: Acervo do Museu Histórico de Jataí Francisco Honório de Campos)

Figura 4 (esquerda) - Tia Justina e Carmen Silva
Figura 5 (direita) - Jerônimo Estevão



(Fonte: Acervo do Museu Histórico de Jataí Francisco Honório de Campos)

Ainda que focada no clube, a exposição procurou conectar histórias de muitos outros negros e negras que viveram em Jataí, destacando outros sujeitos que estiveram à frente da direção do clube, como José Leopoldino de Moraes, Antônio Candido Soares. Outros sujeitos também ganham destaque, como Tia Justina e a cantora Carmen Silva (figura 4). É apresentado também no jornal *O Favo* em 1991 uma singela entrevista com Jerônimo Estevão, um dos líderes que se organizaram para fundar o Clube 13 de Maio em Jataí, e também dirigiu um centro espírita com trabalhos beneficentes (figura 5). A exposição traz à tona as histórias relegadas ao esquecimento, narrativas que de alguma forma se conectaram com a trajetória do Clube 13 de Maio.

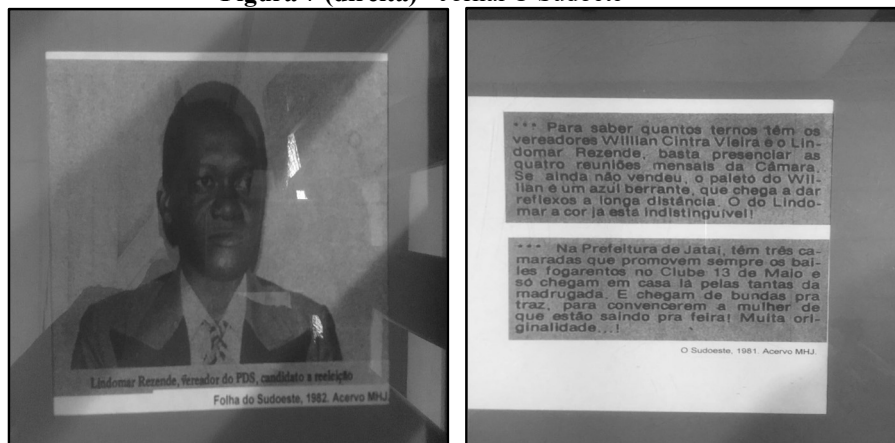
É importante que espaços museológicos possam refletir sobre as narrativas que constroem e divulgam, ou seja, reiterando os apontamentos de Santos (2006): museus são espaços nos quais se constroem identidades e memórias e tem como uma de suas principais funções “legitimar um imaginário junto ao público e, quando cumprem sua função, não conseguem modificar este imaginário com facilidade” (SANTOS, 2006, p.56). Por isso a importância de apresentar alternativas às histórias oficiais, tradicionais e que insistem no pioneirismo de uns e apagamento de outros, e não uma narrativa que privilegia os traços da elite tradicional e exclui histórias da população negra de sua memória.

Retomando a discussão sobre Lindomar Rezende (figura 6), em 1979 a prefeitura passou a administrar o Clube 13 de Maio, havendo em reação muitas reivindicações para que voltasse a ser administrado pela comunidade negra. Ocasão em que o mandato de Lindomar também estava sendo marcado por perseguições de adversários políticos (figura 7)⁶. É notável que a presença de um homem negro, eleito pelo povo, em um espaço majoritariamente ocupado

⁶ Figura 5 e 6 são reportagens do jornal *OSudoete*, respectivamente em de 1982 e 1981.

por homens brancos da elite causaria incômodo, denunciando assim a estrutura racista da classe política jataiense.

Figura 6 (esquerda) - Lindomar Rezende
Figura 7 (direita) - Jornal O Sudoeste



(Fonte: Acervo do Museu Histórico de Jataí Francisco Honório de Campos)

Logo após 10 anos de atividades no clube, Lindomar Resende, em um esforço pela retomada da direção, logo após o seu mandato foi eleito administrador do clube, em 1989. A sede desapropriada em 1971 nunca foi recuperada, e a nova geração passou a ver a transformação do “Clube dos Preto” em “Clube dos Idosos”, após a prefeitura assumir novamente a direção do clube.

Durante as entrevistas⁷ com alguns ex-líderes e frequentadores do clube, especificamente dos anos finais, foi relatado descaso com passar dos anos perante o Clube 13 de Maio, principalmente em relação a administração da prefeitura, que por duas vezes desapropriou o espaço, contudo a população negra estava sempre esteve mobilizada na luta por esse espaço, havendo então uma resistência para a permanência do clube 13 de Maio por parte dos líderes e frequentadores, e da população negra frequentadora deste espaço de sociabilidade.

Além de levantar fontes orais⁸, as entrevistas também serviram para entrar em contato com as memórias e depoimentos de pessoas que tiveram contato com o clube. Os entrevistados eram em sua maioria idosos e frequentaram o clube quando eram jovens, assim rememoram a boa fase que viveram nas festas organizadas pelo clube. Os bailes eram a forma que muitos entrevistados se referiam à festa do 13 de Maio.

⁷ Além de documentos, fotografias e jornais sobre o Clube 13 de Maio, doados ao acervo do Museu Histórico de Jataí, o realizador da pesquisa e exposição Adailton da Silva optou também por realizar entrevistas para levantar um acervo de fontes orais sobre os frequentadores do clube.

⁸ Não iremos adentrar a discussão sobre fontes orais neste momento, é um trabalho que será realizado futuramente na dissertação.

Embora reformulado e também conhecido como “Baile dos Idosos”, não havia deixado de ser o “clube dos Pretos” através das lentes da comunidade negra jataiense, que não deixou de lado o clube que construíram. Contudo, a partir da transferência da responsabilidade administrativa para a prefeitura local, o clube permaneceu em atividade apenas até 2012. E, assim, pela terceira e última vez, o terreno do clube foi desapropriado novamente pela prefeitura, que “cedeu” o espaço à construção de um novo clube, o SESC, sendo esse o momento de declínio do Clube 13 de Maio.

Cunha dispõe que “é necessária a reflexão sobre o que se esconde e se revela no patrimônio preservado [...] e que preservar é sempre uma ação política, com consequências que ultrapassam o ato de preservar em si” (CUNHA, 2017, p. 78). Nesse sentido, no ato de criar lembranças, memórias, há também a criação de esquecimentos, de memórias excluídas. Podemos certamente associar o Clube 13 de Maio a uma tentativa de apagamento da memória que não se encaixa no molde tradicional e das narrativas ditas como “oficiais”.

Além de ser notável a desconsideração em preservar um espaço que foi pensado e criado por sua comunidade negra local, a prefeitura “retira o direito” à memória do clube e também de ser espaço de memória local, pois o clube foi desapropriado e derrubado. De acordo com Cunha, “isto se agrava pela ação de quem detém o poder político de escolher o que vai ser preservado, pois esse processo pode levar a visões e ações hegemônicas sobre a memória e sua preservação patrimonializada” (CUNHA, 2017, p. 80).

No entanto, mesmo após a derrubada do clube, numa tentativa de se apagar da memória local, o clube que pertence e foi criado por sujeitos negros e negras, e mesmo não havendo mais um terreno físico, ou uma sede, tem-se a memória do clube entrelaçada nas lembranças de seus antigos frequentadores até hoje, e há reivindicações para que a prefeitura possa ceder um novo terreno, para a construção de uma nova sede.

A exposição sobre o Clube 13 de Maio é mais uma forma de expor o descaso com que a prefeitura administrou o clube, além da tentativa de apagamento da memória do clube. Mas, para além disso, é um meio de dar destaque ao protagonismo de sua população negra, que atuou e vem atuando em distintos espaços na cidade de Jataí, desde muito antes da fundação do Clube 13 de Maio. Por fim, é importante trazer para o MHJ uma exposição que contemple as narrativas da população negra, e não apenas a história tradicional contada nas obras memorialistas sobre Jataí.

Conclusão

Para encerrar as reflexões, podemos voltar à discussão sobre os gabinetes das curiosidades nas antigas coleções dos príncipes, ou até mesmo após o estado se apropriar dessas coleções, além do que conhecemos hoje enquanto instituição museológica. As narrativas construídas nesses espaços partiram quase sempre de uma história tradicionalista, relegando às margens outras histórias da população negra e indígena, das mulheres, e dos aspectos culturais e tradicionais que não fossem de sujeitos brancos e elitizados.

Dessa maneira, entendemos que no ato de lembrar há também esquecimentos, que na esteira de seleção das memórias a serem preservadas, há outras memórias sendo excluídas. Por muito tempo, quando retratadas, as memórias da população negra nos museus se alinhavam a uma perspectiva de homogeneização, abordando apenas elementos da escravidão, torturas e suas ferramentas, ao passo que esquecia das resistências e lideranças que surgiram contra o regime escravista, bem como dos aspectos culturais e religiosos.

Podemos entender então que as instituições museais precisam se adaptar a essas novas demandas, devendo ponderar para que no ato de suscitar memórias e lembrar as culturas e povos, não recaiam na exclusão ou homogeneização. Principalmente quando trata-se de um Museu Histórico, quais histórias estão expostas? Quais memórias são resguardadas? Estas são indagações que precisam vigorar ao construir/montar um acervo, uma exposição ou uma ação educativa.

No intuito de contrapor uma história tradicional narrada por muito tempo nas obras memorialistas, o MHJ, através das pesquisas realizadas sobre grupos excluídos na historiografia de Jataí e das pesquisas internas da instituição, tem se preocupado em trazer outras perspectivas e narrativas desses povos para as suas exposições. A exposição “O Clube 13 de Maio e os Negros e Negras na História de Jataí” (2019) é um exemplo de iniciativa que reverte os antigos moldes e dá notoriedade à população negra local a partir de sujeitos negros e negras, de suas memórias e histórias de vida.

Além de lançar luz sobre o protagonismo da população negra e de suas experiências, a exposição sobre o Clube 13 de Maio é também uma denúncia a má administração da prefeitura perante o clube, um espaço de sociabilidade criado por e para a comunidade negra. Podemos considerar que a reivindicação por terreno é uma luta da comunidade negra local que permanece até hoje, pelo que podemos captar através das entrevistas realizadas.

Referências Bibliográficas

- AQUINO, Vanessa B. Teixeira; VARGAS, Aline V. de. Olhares acerca das exposições de arte: uma perspectiva histórica. *PORTO ARTE: Revista de Artes Visuais*, Porto Alegre, RS, jan-jun 2020.
- CARMO, Lucas Rodrigues do; SILVA, Murilo Borges. Alforrias nos livros de notas de Jatahy: Estratégias na negociação de liberdade (1872-1888). *Revista Albuquerque*, vol. 12, n. 23, jan.—jun. de 2020.
- CUNHA, Marcelo Nascimento Bernardo da. *Teatros de memórias, palcos de esquecimentos – culturas africanas e diásporas negras em exposições*. 2006. Tese (Doutorado em História social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP. São Paulo, 2006.
- CUNHA, Marcelo Nascimento Bernardo da. Museus, memórias e culturas afro-brasileiras. In: Dossiê: Memória, Cidade e Museu: Entre Silêncios e Mobilizações. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação*. SESC nº 5, São Paulo, 2017.
- CURY, Marília Xavier. Reflexões sobre a importância pública das exposições antropológicas. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, v. 7, p. 77-87, 2008.
- CURY, Marília Xavier. *Exposição: concepção, montagem e avaliação*. São Paulo: Annablume, 2005.
- DOMINGUES, Petrônio. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. Tempo. *Revista do Departamento de História da UFF*, v. 12, p. 113-136, 2007.
- DOMINGUES, Petrônio. “Um desejo infinito de vencer”: O protagonismo negro no pós-abolição. *Topoi* (Rio de Janeiro), v. 12, p. 118-139, 2011.
- DOMINGUES, Petrônio. Cidadania por um fio: o associativismo negro no Rio de Janeiro (1888-1930). *Revista Brasileira de História* (Online), v. 34, p. 251-281, 2014.
- FRANÇA, Basileu Toledo. *Pioneiros*. Goiânia: Editora UFG, 1995.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Caminhos da memória: para fazer uma exposição. BORDINHÃO, Katia; VALENTE, Lúcia e SIMÃO, Maristela dos Santos. Brasília, DF: IBRAM, 2017.
- KERSTEN, Márcia Scholz de Andrade; BONIN, Anamaria Aimoré. Para pensar os museus, ou Quem deve controlar a representação do significado dos outros?. In: *MUSAS – Revista Brasileira de Museus e Museologia*, n. 3, 2007. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centros Culturais, 2004.
- LIMA, Maria Eloá de Sousa. *Mariquinha do Sobrado*. Jataí - GO: Ed. do Autor, sem data.
- MELLO, Dorival de Carvalho. *Nos porões do passado: a descoberta de Jataí*. Jataí-GO. Sudográfica, 2002.

MENESES, U. T. B. *Do Teatro da Memória ao Laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico*. In: *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 2, p. 9-42, jan./dez. 1994.

MUSEU HISTÓRICO DE JATAÍ: FRANCISCO HONÓRIO DE CAMPOS. O Museu Histórico de Jataí e seu Acervo Jataí-GO, 2016.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*. São Paulo, 1993.

PINTO JÚNIOR, Rafael, MENEZES, Marcos Antonio de, SILVA, Adriano Freitas. *Jatahy: espaço de morar (1880- 1935)*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2012, p. 50.

PRIOSTE, Odalice Miranda; VARINES, Hugues de. O novo museu das gentes brasileiras, criação, reconhecimento e sustentabilidade dos processos musicológicos comunitários. *Caderno de Sociomuseologia*, nº 28. ULHT, Lisboa, 2006.

RAFFAINI, Patrícia Tavares. Museu Contemporâneo e os Gabinetes de Curiosidades. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, S. Paulo, 3: p. 159-164, 1993.

SANTOS, Michael Douglas dos. *Representações dos negros na exposição de longa duração “Jatahy: histórias pra contar” (1995 - 2015)*. Monografia (Graduação). Universidade Federal de Jataí. Jataí - GO 2021.

SANTOS, Myriam Sepúlveda. *A escrita do passado em museus históricos*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

SANTOS, Myriam Sepúlveda dos. Políticas de memória na criação dos Museus Brasileiros In: CHAGAS, Mario de Souza; SANTOS, Myriam Sepúlveda dos (orgs.). *Cadernos de Sociomuseologia: Museus e Políticas de Memória*. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. 2002.

SILVA, Murilo Borges. *Pelos Caminhos da Abolição: Os últimos anos da escravidão e as experiências de liberdade em Jataí*. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2011.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (orgs.). *Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FONTES

Exposição “Clube 13 De Maio e os negros e negras na história de Jataí – 2019. Acervo: Museu Histórico de Jataí.